

A seleção brasileira nas capas de jornais durante a Copa do Mundo de 2014: relações de proximidade e afastamento¹

Magnos Cassiano CASAGRANDE²

Resumo

O artigo analisa os efeitos de sentido de proximidade e afastamento entre instâncias jornalísticas e seleção brasileira e entre seleção brasileira e nação presentes em capas de jornais impressos brasileiros durante a realização da Copa do Mundo de Futebol de 2014. Parte-se do pressuposto de que houve acintosa mudança no tratamento e na relação com a seleção brasileira ao longo do desenvolvimento da competição, pautada, principalmente, pelos resultados obtidos no campo de jogo. A parte analítica orienta-se a partir dos efeitos de sentido de enunciação (PERUZZOLO, 2015) e preceitos da encenação narrativa e argumentativa do discurso (CHARAUDEAU, 2012). Momentos de ufanismo e de esquivas de qualquer responsabilidade alternam-se na constituição do discurso.

Palavras-chave

Capa de jornal; Copa do Mundo de Futebol; Seleção brasileira; Imprensa esportiva.

Ao vasculhar nosso arquivo de capas de jornais brasileiros publicadas ao longo da Copa do Mundo de Futebol de 2014, desde sua abertura, passando pela fatídica derrota de 7x1 da seleção brasileira para a seleção alemã na semifinal, até o término da competição, deparamo-nos com uma situação de clara mudança de tratamento da seleção brasileira em tal dispositivo jornalístico, especialmente se olharmos para as capas da abertura da competição e as capas que buscaram representar o resultado de 7x1. A partir disso, desperta-se o interesse de verificar como se dá a aproximação e o afastamento do discurso para com a seleção brasileira, como e através de que mecanismos discursivos ocorre tal mudança, para que seja possível dizer como os enunciadores se relacionaram, discursivamente, com a equipe ao longo da competição.

Tomando como objetivo analisar um discurso de aproximação ou afastamento entre seleção e nação em capas de jornais impressos, busca-se, inicialmente, através de Peruzzolo (2015) e Charaudeau (2012) apresentar como se dão esses efeitos entre o enunciador e seu discurso. Neste contexto, um aspecto ganha relevância: os enunciadores manifestam uma

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), email: magnoscassiano@yahoo.com.br

suposta aproximação entre nação e seleção ao mesmo tempo que se apresentam como mais próximos ou afastados da seleção.

Parte-se do pressuposto defendido por Peruzzolo (2015, p.148) de que um enunciador, ao utilizar mecanismos discursivos, pretende “afirmar uma verdade, mesmo que seja a ilusão dela”. Quando o discurso da imprensa esportiva divulga a aproximação entre seleção e nação ou entre seleção e torcedores, trata-a como uma verdade ou, ao menos, uma ilusão dela. Quando se afasta, entretanto, cria o efeito, ou mera ilusão, de que não é responsável por essa pretensa ligação.

Ressalta-se que deve ser de conhecimento das instâncias midiáticas que durante uma Copa do Mundo de Futebol manifesta-se uma legião de torcedores chamados por Helal e Soares (2002, p.7) de “torcedores de Copa do Mundo”. Essa legião que se manifesta de quatro em quatro anos pode ser vista como um público a ser atingido. Enquanto isso, os torcedores que acompanham o futebol de maneira mais assídua, conforme os autores, interessam-se mais por aspectos técnicos e táticos do jogo. O discurso da imprensa esportiva, dessa forma, pode pender para um dos lados ou promover o agenciamento entre eles.

Durante a competição ressurgem certa ênfase nacionalista no discurso da imprensa esportiva brasileira. Em 2014, a proximidade com a seleção brasileira encontrou uma possibilidade de potencialização pelo fato do Brasil ser o país sede da Copa do Mundo. Um discurso ufanista reapareceu na primeira página de alguns jornais no dia da abertura da competição. Já em outros, o discurso foi mais moderado, voltando-se a aspectos relativos ao jogo em si ou procurando um envolvimento menos direto. Essa dualidade demonstra que o tratamento do futebol como uma metonímia da nação brasileira perdeu força ao longo dos anos, inclusive no discurso da imprensa (HELAL, 2011). Junto com o esmaecimento, ou até contemporânea inexistência, da relação entre nação e seleção, nota-se também, que vários jornais assumem que os acontecimentos - vitória ou derrota, sucesso ou fracasso - pertencem e ficam restritos ao campo esportivo.

Os apontamentos realizados são importantes para que se possa discutir a questão da imagem que foi criada em torno da seleção brasileira, relativa à obrigatoriedade da vitória. Parte-se da hipótese de que é com essa imagem, desenvolvida com o apoio da imprensa esportiva, que a própria imprensa esportiva manifesta uma decepção. O aspecto primordial não está tanto na construção tomada pela emoção ou pelo nacionalismo, algo quase natural em virtude do simbolismo que envolve a competição, mas nas mudanças de posicionamento pautadas pelo resultado. Ao mesmo tempo, essa mudança pode ser a abertura para a necessária discussão sobre as causas e consequências do resultado.

O enunciador e o discurso: efeitos de proximidade e afastamento

Nota-se que o estudo admite como objeto empírico a capa de jornal. Toma-se como foco as manchetes (títulos), os subtítulos, o *lead* e os textos-chamada, considerando que “procuram operar o enquadramento discursivo do dispositivo em geral” (PERUZZOLO, 2015, p.177). Resumidamente, a capa realiza o papel de síntese do pensamento da instância jornalística como um todo acerca de uma questão ou de um acontecimento. Configura-se como um texto formado por materialidades verbais e icono-visuais (ilustrações, fotografias, gráficos), que possui um viés publicitário de captação do destinatário/leitor. Tem a função de estabelecer um vínculo com o leitor, principalmente, pelo fato de ser a página mais importante do jornal. Trata-se de um produto resultante de um processo de escolhas dos enunciadores, que transitam entre a tentativa de mostrar a publicação credível e atraente. Abordada como um texto, a capa é condicionada pelo contexto de produção e interpretação, faz falar diversas vozes sociais e revela relações interdiscursivas.

Abordar o modo como o discurso presente nas capas de jornais relaciona-se com a seleção brasileira e seus aspectos possibilita pensarmos nos agenciamentos existentes entre o sujeito da enunciação e seu dizer, mais precisamente, entre o enunciador e o discurso-enunciado. O presente apontamento relaciona-se com os efeitos de sentido de enunciação, em que o enunciador pode desenvolver e instaurar para seu discurso um efeito de proximidade ou um efeito de afastamento.

Nos efeitos de proximidade, o enunciador mostra-se em sua fala, enquanto no de afastamento busca criar a ilusão de que está ausente. Segundo Peruzzolo (2015), são modos do sujeito de mostrar a posição que ocupa no discurso e o modo como se relaciona com aquilo que enuncia e com os valores que coloca em comunicação.

O efeito de aproximação é produzido, basicamente, pelos seguintes elementos discursivos: verbos e pronomes de 1ª e 2ª pessoas, pronomes possessivos, advérbios de modo, ajuizamentos, julgamentos, adjetivos relacionados aos afetos e a valorações, oriundos do sujeito enunciador. O alvo, como apontado em Peruzzolo (2015) e Casagrande (2014), é afetar a persuasão, a adesão, a contestação ao assumir a responsabilidade pelo dizer. O “nós”, por exemplo, presente no uso dos verbos na primeira pessoa do plural, não serve apenas para o enunciador assumir uma responsabilidade pelo dito, mas, também, para dispersar a primeira pessoa e partilhar ou chamar o enunciatário para dividir junto com ele a responsabilidade pelos valores e pelo o que é comunicado. Além disso, segundo o autor, o “eu” pode procurar

neutralizar-se através do “ele” ou “eles”, como é possível ver na seguinte frase, presente na Capa do Diário de Santa Maria/RS, publicada após a derrota de 7x1, no dia 09 de julho de 2014: “Os brasileiros não acreditaram no que viram ontem”. O enunciador utiliza uma generalidade para que possa incluir-se nela sem ser notado.

Já a utilização de verbos impessoais e em 3ª pessoa e discurso direto e indireto, que visam criar a ilusão de imparcialidade ao atribuir o dito a um outro sujeito, são elementos que se configuram como estratégias discursivas que marcam o efeito de afastamento. Através do uso dos elementos citados, o sujeito enunciador procura causar uma dispersão no discurso, que causa a impressão de que está afastado da responsabilidade pelo o que é dito, “como se tal acontecimento, envolvendo ações humanas e valores implicados nelas, acontecesse numa outra esfera fora do mundo dele, mas aplicável aos outros humanos, os interlocutores” (PERUZZOLO, 2015, p.167)³.

Como dissemos em Casagrande (2014, p.51-54), tais estratégias/mecanismos discursivos produzem certos efeitos de sentido que contribuem para pensar e afirmar valores sociais e humanos manifestados em um discurso, pois os efeitos de sentido guiam-se pelo “valor existencial que representam para os sujeitos envolvidos no processo comunicacional. Além disso, é possível dizer que os efeitos de sentido são reveladores das intencionalidades dos sujeitos humanos”. Caminha-se em uma direção que possibilita afirmar que o modo de dizer é capaz de revelar as intenções da instância midiática e a ilusão de verdade que pretende manifestar. Pensa-se que não podemos tratar da verdade ou da falsidade de um discurso, mas de efeitos que fazem o discurso parecer um ou outro. O sentido de verdade relaciona-se aquilo que determinado discurso significa aos sujeitos.

Quando tenta afastar-se da responsabilidade pelo discurso enunciado, o enunciador consegue apenas criar uma ilusão de afastamento, tendo em vista não ser possível ser totalmente objetivo. Todo discurso surge a partir das intenções e do pensamento de um sujeito (BENVENISTE 2005; 2006). Brait (2005), da mesma forma, afirma que o discurso revela escolhas e pretensões dos sujeitos, o que permite dizer que nele os sujeitos não conseguem apagar totalmente a sua presença, apenas escondem-se. Escondem-se, como diz Peruzzolo (2015, p.172), para parecer que não possuem compromisso dos valores afirmados, ou seja, “para que a ‘verdade’ do valor moral do dizer apareça de modo válido e desinteressado”.

O enunciador não consegue afastar-se plenamente de seu discurso. Tomando como exemplo a derrota de 7x1 da seleção brasileira, apesar de tentar construir um efeito de

³ Maiores explicações sobre cada elemento podem ser encontradas em Peruzzolo (2015) e em Casagrande (2014).

afastamento da derrota ou do discurso sobre a derrota, sabe-se que o enunciador está presente: “Mesmo que a enunciação nunca seja manifesta, ela sempre se mantém pressuposta, no texto ela se projeta de diferentes formas e com diferentes fins” (PERUZZOLO, 2015, p.168). Mais adiante o autor afirma, ainda: “de todo modo, a enunciação está lá, filtrando por seus jogos, valores e fins, tudo o que é dito no discurso”.

O objetivo explícito ou não, guia-se pelo mesmo princípio, propor valores ao enunciatário/destinatário/leitor. Conseqüentemente, demonstra o posicionamento e as intenções para com a seleção brasileira: a decepção com a derrota e a euforia com o jogo de abertura, por exemplo. Destaca-se que essas situações são passíveis de serem percebidas pelo destinatário em seu processo de interpretação, no momento que faz o texto fruir e molda uma imagem do sujeito que desenvolveu aquele discurso.

Segundo Peruzzolo (2004, p. 163), o que encontramos no discurso não é um indivíduo que fala, mas um sujeito ou um dispositivo de enunciação revestido por um papel discursivo. Para Charaudeau (2012, p.58), o sujeito comunicante desenvolve “para si mesmo diversas imagens de enunciador”. Assim, temos um enunciador que se transforma em narrador de uma história – diversas são as narrativas criadas a partir da derrota de 7x1, por exemplo, na tentativa de buscar o entendimento do resultado – em locutor ou em observador. Pode assumir diversos personagens o que revela um jogo estratégico da fala.

Em certos momentos, pode aparecer como um sujeito que parece ser um fiel torcedor que incorpora o espírito e o simbolismo da seleção, em outros pode dirigir-se à seleção brasileira como se estivesse falando de outra seleção qualquer ou, ainda, falar de maneira distante. Como apontamos em Casagrande (2014), isso nos permite ver o posicionamento do sujeito no discurso e a transmutação de sujeitos em variadas figuras para afirmarem valores, ideias, saberes, conclusões acerca de um assunto (acontecimento), postos em circulação através de uma materialidade discursiva, no caso, as capas de jornais.

Charaudeau (2012), ao abordar os modos de organização do discurso, traz questões que podem interagir com aquelas apontadas por Peruzzolo (2015) e ajudam-nos a pensar as relações de aproximação e afastamento entre os sujeitos enunciadores e o discurso e entre os enunciadores e o conteúdo manifestado discursivamente. Trata-se do dispositivo de encenação narrativa, mais especificamente, dos papéis que o enunciador assume ao longo do discurso, no caso, ao longo da cobertura midiática sobre o evento Copa do Mundo de Futebol.

Charaudeau (2012) apresenta um dispositivo de encenação narrativa que coloca em interação autores e leitores reais através de uma situação de comunicação. Autor e leitor, no discurso, passam aos papéis de sujeito enunciador e sujeito destinatário, que compartilham

uma história contada como real ou contada como ficção. Sabe-se que o enunciador é um ser de fala que inventa uma história ou que se reporta a fatos e acontecimentos reais, ou ainda, promove um agenciamento entre as duas.

Quando fala, por exemplo, do papel de narrador assumido pelo enunciador, Charaudeau (2012, p.186) afirma que o sujeito cria para si uma única identidade, a de um “sujeito que conta”, podendo agir como historiador, ao abordar uma realidade e acionar o destinatário para uma possível verificação, ou como contador, que age no mundo do tratamento ou invenção de uma história, no mundo da ficção e convoca o destinatário a compreendê-la dessa forma. Ambos estão muito presentes no discurso pós-acontecimento.

Dentro do dispositivo de encenação narrativa, destaca-se a atuação de um narrador-contador, em que sua presença está na organização do discurso, ora apaga-se ora revela-se. Conforme Charaudeau (2012, 192): “Ele fica apagado, o que não quer dizer que esteja ausente, pois a própria organização da narrativa é testemunha de sua presença”. Aplica-se tais preceitos não só aos acontecimentos já ocorridos, mas também aqueles que estão por vir, em que sua história começa a ser elaborada antes da ocorrência, caso da abertura de uma Copa do Mundo de Futebol. Outros acontecimentos já não possuem estes antecedentes tão bem definidos, em virtude de seu grau de imprevisibilidade, como é o caso da derrota de 7x1. Não significa que não existam, mas se dão a ver após a ocorrência.


Pode-se dizer que o sujeito que conta a história procura ir ao encontro do leitor seja integrando-o a história ou guiando a leitura. Mesmo em casos que antecedem um acontecimento, a aplicação é plausível pois permite vermos os modos como o sujeito se revela, insere o leitor na trama, dilui e procura dividir seu pensamento com os sujeitos leitores.



Conforme Charaudeau (2012), o sujeito narrador pode revelar-se, explicitamente, através de pronomes pessoais como o “nós”, já citado. O “nós” e a indeterminação do sujeito podem também aproximar enunciador/narrador e destinatário. Revela, ainda, a tentativa de levar o destinatário a compartilhar pensamentos e convicções. O julgamento, a opinião e o pensamento quando manifestados dessa forma passam a impressão de divisão de responsabilidade, bem como de serem partilhados por vários sujeitos. Além disso, pode atender à intencionalidade do sujeito de afastar-se de alguns posicionamentos e fazer com que o leitor siga o mesmo. Ao longo do caminho analítico, nota-se, ainda, a presença de enunciadores/narradores que parecem contar sua própria história, colocando-se como um de seus personagens. Em outros momentos, mudam de rumo e passam a impressão de que contam a história de outro ou que possuem pouca ou nenhuma relação com o acontecido.

Os efeitos de proximidade e afastamento nas capas de jornais

A análise dos efeitos de aproximação e afastamento dá-se a partir de materialidades verbais e icono-visuais presentes em nove capas que abordam alguns dos principais momentos da seleção brasileira de futebol na Copa do Mundo de 2014. Seleciona-se capas que antecederam a abertura da competição (12 de junho de 2014); capas que abordaram as expectativas para o jogo entre Brasil e Alemanha (08 de julho de 2014) e capas que representaram a derrota de 7x1 do Brasil para a Alemanha (09 de julho de 2014).



Procurou-se manter a coerência ao escolher capas dos mesmos jornais em relação aos três momentos citados. Dessa forma, pensa-se ser possível verificar de forma mais precisa, através do enfoque proposto para o estudo, como cada jornal discursivizou cada momento e quais foram, se houveram, as mudanças de posicionamento (afastando-se ou aproximando-se da seleção de acordo com o desenrolar dos acontecimentos). Inicialmente, foi preciso um olhar atento às capas para escolher aquelas que continham, de modo mais explícito, os efeitos de sentido por nós procurados. A partir disso, selecionamos as capas de Diário de Pernambuco, Folha de São Paulo e Correio Braziliense sobre os três momentos. A seguir, apresentamos quadros com a transcrição dos aspectos mais relevantes para nosso estudo presentes em cada capa. Trechos destacados em itálico correspondem a grifos nossos.


Capa	Assunto	Manchete	Lead / Trechos relevantes	Textos-chamada relevantes	Imagens
 <p>Figura 01: Capa Diário de Pernambuco, 12 de junho de 2014</p>	Abertura da Copa do Mundo de Futebol	<i>UM SÓ CORAÇÃO</i>	Sim, <i>temos</i> problemas. Sim, <i>temos</i> diferenças. Sim, <i>temos</i> o direito de protestar. E sim, também <i>podemos</i> torcer pelo Brasil sem deixar nada disso de lado. Não, <i>não somos um país de alienados</i> . Mas sim, <i>continuamos um país de apaixonados</i> . Hoje, a <i>pátria de chuteiras</i> deixará de ser uma <i>metáfora rodrigueana</i> para transformar-se numa realidade bem brasileira.	-	Ilustração de um coração humano pintado nas cores verde, amarela, azul e branca (cores da bandeira brasileira). Em seu interior, o mapa do Brasil e uma alusão à sua bandeira. O coração aparenta estar sendo ovacionado e sustentado por vários torcedores.

 <p>Figura 2: Capa Diário de Pernambuco, 08 de julho de 2014</p>	<p>Expectativas para o jogo entre Brasil e Alemanha</p>	<p>VESTE ESTA CAMISA, BRASIL</p>	<p>Chegou a hora de o Brasil mostrar que o <i>nosso futebol</i> está além do talento individual. <i>Sempre tivemos</i> craques, ídolos, os maiores jogadores do planeta. Mas hoje quem entra em campo é uma <i>nação</i>. Não apenas atletas. É preciso que a <i>alma de todos os brasileiros</i> encarne em cada jogador dentro de campo. <i>Vamos provar que um filho teu não foge à luta.</i></p>	<p>-</p>	<p>Uma fotografia de Neymar, de costas, evidenciando seu nome e o número 10 da camisa.</p>
 <p>Figura 3: Capa Diário de Pernambuco, 09 de julho de 2014.</p>	<p>A derrota de 7x1 da Seleção brasileira</p>	<p>1) Barbosa, descanse em paz 2) O PIOR DIA DO FUTEBOL BRASILEIRO</p>	<p>1) Moacir Barbosa Nascimento, goleiro do Brasil na Copa de 1950, morreu no dia 7 de abril de 2000 carregando para seu túmulo uma injusta culpa pela derrota contra o Uruguai no Maracanã. Uma decepção que, <i>pensava-se</i>, jamais seria repetida. <i>Infelizmente</i>, aconteceu. E foi pior. A goleada de ontem <i>envergonhou a nação</i>, mas redimiu Barbosa.</p> <p>2) Não foi a derrota para a Alemanha que chamou atenção, mas sim a <i>forma chocante</i> como ela aconteceu. Uma goleada de 7a1 com o <i>time brasileiro totalmente perdido em campo, abatido, dominado</i> por uma equipe disciplinada taticamente e <i>psicologicamente equilibrada</i> [...]</p>	<p>-</p>	<p>1) Fotografia, em preto e branco, do segundo gol sofrido pelo Brasil na final da Copa de 1950. Nota-se a bola encostando na rede, o goleiro brasileiro Barbosa deitado ao chão, dois zagueiros brasileiros observando o gol e o uruguaio comemorando.</p> <p>2) Fotografia de um dos 7 gols da Alemanha. Mostra a bola na rede, vários jogadores brasileiros e um alemão, mais próximos à cena, olhando para ela, e o goleiro brasileiro caído.</p>

Quadro 1: Capas do jornal Diário de Pernambuco.




Fonte: Elaborado pelo autor através de capas disponibilizadas nos sites: Brainstorm 9, Verminosos por futebol e Imgur.

Capa	Assunto	Manchete	Lead / Trechos relevantes	Textos-chamada relevantes	Imagens
 <p>Figura 4: Capa Folha de São Paulo, 12 de junho de 2014.</p>	<p>Abertura da Copa do Mundo de Futebol</p>	<p>Copa começa hoje com <i>seleção em alta</i> e organização em xeque</p>	<p><i>País dá início em São Paulo à 20ª edição do torneio, um dos maiores eventos de sua história. Brasil é favorito ao título. Gastos bilionários e obras inacabadas geram desconfiança.</i></p>	<p>PVC: <i>Levemente arrogante</i>, torcida do Brasil deve lembrar que jogos da Copa são difíceis.</p>	<p>Fotografia do campo em que se dá o jogo de abertura.</p>
 <p>Figura 5: Capa Folha de</p>	<p>Expectativas para o jogo entre Brasil e Alemanha</p>	<p>Batismo de fogo</p>	<p>Em busca de vaga na final, Brasil enfrenta a Alemanha com time que nunca jogou junto e com David Luiz estreando como capitão.</p>	<p>1) Garoto David Luiz ia bem em Matemática, não tinha jeito de atleta e foi dispensado do São Paulo 2) Antigo estilo brasileiro não existe mais, <i>afirma diretor</i> da seleção alemã.</p>	<p>Fotografia com David Luiz e no primeiro plano e outros dois jogadores mais ao fundo (Ramires e Maicon)</p>

São Paulo, 08 de julho de 2014					
 <p>FOLHA DE S. PAULO SELEÇÃO SOFRE A PIOR DERROTA DA HISTÓRIA</p> <p>Figura 6: Capa Folha de São Paulo, 09 de julho de 2014</p>	A derrota de 7x1 da Seleção brasileira	SELEÇÃO SOFRE A PIOR DERROTA DA HISTÓRIA	Alemanha faz 7 a 1, <i>esmaga Brasil</i> e está na Final da Copa. <i>País revive trauma</i> de 1950 como anfitrião. Scolari assume responsabilidade pelo <i>vexame</i> , o maior em 100 anos.	Pela segunda vez, o Brasil perdeu a chance de tornar-se campeão mundial de futebol em seu país [...] eliminação de 2014 foi marcada pela <i>humilhação</i> [...] O <i>vexame</i> pode servir à reformulação do futebol brasileiro, segundo ex-atletas e treinadores. ANTONIO PRATA: Se para algo servir o <i>massacre</i> , que seja para <i>passarmos a acreditar menos na mágica e mais no trabalho</i> .	Imagem da Estádio do Mineira com todas as luzes praticamente apagadas, realçando o telão, ainda ligado, que mostra o placar do jogo.

Quadro 2: Capas jornal Folha de São Paulo

Fonte: Elaborado pelo auto com base em <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/>

Capa	Assunto	Manchete	Subtítulo / Lead / Trechos relevantes	Textos-chamada relevantes	Imagens
 <p>Figura 7: Capa Correio Braziliense, 12 de junho de 2014</p>	Abertura da Copa do Mundo de Futebol	<i>Somos todos Brasil</i>	Vai ter Copa? Sim. Ela começa hoje. Como será é que são elas. Nunca antes, nem mesmo na ditadura, a disputa de um Mundial <i>dividiu tanto o país</i> . Desta vez, porém, <i>não se ouvem críticas à Seleção Brasileira</i> [...] o time escalado por Felipão será aplaudido ou não pelo o que jogar dentro de campo. As divergências sobre a Copa são de outra natureza. <i>Descontentes</i> sobre a competição <i>acreditam</i> que o governo teria feito melhor se tivesse investido em escolas, hospitais e transporte público, no mesmo padrão dos estádios construídos por exigências da Fifa [...].		Ilustração do mapa do Brasil preenchido por <i>Emotions</i> que representam torcedores com os braços erguidos, em referência a uma comemoração. As cores estão dispostas de maneira a representar a bandeira do Brasil.
 <p>Figura 8: Capa Correio Braziliense, 08 de julho de 2014</p>	Expectativas para o jogo entre Brasil e Alemanha	Brasil na Cabeça	<i>Ninguém duvida</i> . Neymar é fora de série [...] <i>Até as crianças sabem</i> da importância do atacante para a Seleção. [...] E há, ainda, David Luiz, o zagueiro artilheiro, que assumiu o posto de capitão e deve guiar o time nesta terça-feira ao último degrau <i>que nos separa</i> do hexa [...] Só uma coisa não pode: <i>deixar-se abater</i> pelo complexo de vira-latas e entrar em campo na retranca, acreditando que o rival é superior [...] Se existe um time como motivos para tremer, hoje, não é o escrete canarinho.	EXCLUSIVO : Em entrevista imaginária ao Correio, Nelson Rodrigues decreta: “Se Brasil for campeão, o sujeito que não chorar de esguicho é um mau-caráter”	Máscara de Neymar nas cores verde, amarelo e azul.
 <p>Figura 9: Capa Correio Braziliense</p>	A derrota de 7x1 da Seleção brasileira	Um vexame para a eternidade	(João Valadares). Há que diga que o futebol explica a vida. <i>Eu sou um deles</i> . E, se você concorda comigo, terá que admitir <i>que ontem morremos</i> . [...] <i>Não morremos para sempre</i> , é verdade, <i>mas morremos</i> [...] <i>Perdemos</i> até aquele oxigênio da indignação. <i>Roubaram-nos</i> até a força para cobrar alguma coisa [...] Nem um desfibrilador gigante, do tamanho da <i>nossa vergonha</i> , traria o <i>nosso país de volta</i> ao jogo. <i>Mesmo nós, todos os que acreditávamos</i> , também <i>não voltamos</i> [...] Quem diria, <i>grande Nelson Rodrigues</i> . Você tem razão. Em futebol, o pior cego é o que só vê a bola. <i>Mas nem isso conseguimos enxergar</i> . <i>Quando abrimos</i>		Mosaico de imagens nas bordas esquerda, direita e inferior da capa. Nelas, vê-se o lamento de torcedores e jogadores, a impotência de Luiz Felipe Scolari diante do resultado consumado e os jogadores alemães celebrando a vitória e consolando os

Braziliense, 09 de julho de 2014		os olhos, estava escrito: 7x1 [...] <i>Um país inteiro tonto, zozzo, numa roda de bobo, que nos levava sempre para o inferno. E o inferno não eram os outros. O inferno somos nós. Só ontem o visitamos sete vezes [...] Não foi a maior derrota do futebol brasileiro. Assistimos incrédulos à maior derrota do esporte brasileiro [...] Nunca caímos assim. Vamos ler uma centena de motivos para explicar o que ocorreu.</i>	brasileiros.
----------------------------------	--	---	--------------

Quadro 3: Capas do jornal Correio Braziliense

Fonte: Elaborado pelo autor através de capas disponibilizadas nos sites: Brainstorm 9, Verminosos por futebol e Imgur.

Nas capas do Diário de Pernambuco (Quadro 1), o resultado de 7x1 marca a ruptura, ao menos parcial, no modo como os sujeitos enunciadorees construíram a participação da seleção brasileira na Copa do Mundo. Antes do acontecimento, tem-se enunciadorees que se identificam com a história, dão a entender que fazem parte dela, que são alguns de seus personagens. Revelam-se explicitamente na construção da trama e chamam o destinatário através do usos de pronomes pessoais como o “nós” (CHARAUDEAU, 2012), na tentativa de levá-lo a compartilhar um mesmo pensamento e suas convicções.

Os enunciadorees causam um efeito de proximidade e de cumplicidade em relação ao leitor, ao torcedor e a própria seleção brasileira que podem ser observados através do uso exaustivo da 1ª pessoa do plural, na capa sobre a abertura da competição: *temos* problemas, *temos* diferenças, *temos* o direito de protestar, também *podemos* torcer, não *somos* um país de alienados, *continuamos* um país de apaixonados (Figura 1). A convicção do enunciadoree é concluída ao final do *lead* presente na Figura 1, quando afirma que a “pátria de chuteiras”, metáfora rodrigueana, se transformará em um realidade brasileira. Antes da semifinal entre Brasil e Alemanha, tal estratégia volta a se repetir através das expressões: *nosso futebol*, sempre *tivemos*, *vamos* provar. (Figura 2).

A estratégia mais explícita da tentativa de aproximação entre as noções de seleção e nação e de aproximação entre torcedores e a equipe dá-se com a manchete “UM SÓ CORAÇÃO” (Figura 1). A manchete é acompanhada da ilustração de um coração humano pintado nas cores verde, amarela, azul e branca, da bandeira nacional. Sustentado e ovacionado por uma multidão de torcedores, está ali para representar o sentido de união entre o povo brasileiro e a seleção de futebol. O desenho do mapa territorial do Brasil, no interior do coração, leva-nos a pensar numa possível intencionalidade da instância jornalística de causar o efeito de união que mencionamos. Já na Figura 2, o efeito se consolida quando o enunciadoree afirma que quem entra em campo é uma nação e a alma de todos os torcedores brasileiros e quando invoca um trecho do hino nacional: “*um filho teu não foge à luta*”. Além

do exposto, afirma-se a clara relação de proximidade entre os enunciadores e os discursos construídos.

Com a derrota de 7x1, manifestam-se sujeitos enunciadores que visam produzir um efeito de afastamento (distanciamento), de impessoalidade, de não ligação, relação ou responsabilidade com o resultado. O enunciador parece não contar sua história ou dos seus semelhantes como vinha ocorrendo, mas a história de um outro, como diz Charaudeau (2012). Exemplifica-se através dos seguintes enunciados presentes na Figura 3: Uma decepção que, *pensava-se*, jamais seria repetida; com um *time brasileiro*. Busca-se um efeito de afastamento através da impessoalidade e do tratamento da equipe brasileira como se estivesse tratando de qualquer outra seleção.

Nota-se, entretanto, que não há um desprendimento total, pois realiza qualificações do acontecimento, estratégia que caracteriza um efeito de aproximação, que caminham no sentido de causar um efeito de frustração: *Infelizmente, forma chocante, totalmente perdido em campo, abatido, dominado, psicologicamente equilibrada*, são alguns exemplos. Opta-se por não assumir explicitamente, esconde-se através do uso de termos como *envergonhou a nação* (na qual ele se inclui) e continua a lançar seus pensamentos e suas convicções que funcionam como um convite ao destinatário.

Nas capas do Diário de Pernambuco, especialmente nas Figuras 1 e 2, temos sujeitos que assumem uma posição em relação aquilo que eles próprios argumentam. Nota-se um engajamento (CHARAUDEAU, 2012) em que defendem aquilo que enunciam utilizando-se de uma estratégia passional, a tentativa de motivação dos leitores, oferecendo-lhes um conjunto de situações que visa persuadi-los a apoiar e torcer pela seleção. Ao mesmo tempo, reforça o intuito da instância jornalística, oferecer ao leitor, aquele que gosta da seleção, um espaço em que pode encontrar um discurso que vá a seu encontro. Caminham no sentido de que estarão sempre junto da seleção, de que são alguns de seus personagens, mas, ao fim, decepcionam-se e parecem contar a história como se fosse de um outro (Figura 3), como se a relação com a seleção fosse distante e esparsa.

Dos três jornais selecionados, Folha de São Paulo é aquele que apresenta, em suas capas, o menor envolvimento emocional com a seleção brasileira. Em resumo, tende para uma abordagem voltada aos aspectos do jogo (técnicos e táticos), sem deixar de realizar qualificações acerca dos acontecimentos.

Na Figura 4, destacam-se os dizeres que afirmam o bom momento da seleção brasileira e o favoritismo ao título: *seleção em alta e Brasil é favorito ao título*. Através dos julgamentos, o enunciador cria um efeito de proximidade com o seu discurso, que evidencia

sua presença. Apontando a seleção como favorita, coloca-se também próximo à ela, mas de maneira menos enfática que as capas do Diário de Pernambuco, por exemplo. Em nenhum momento chama o torcedor para apoiar a equipe. Ao contrário, nota-se a presença de um outro enunciador, Paulo Vinícius Coelho (PVC), que qualifica a torcida do Brasil como *levemente arrogante*, posicionando-se contrário à euforia com a seleção ao lembrar da dificuldade dos jogos de uma Copa do Mundo. Arrogância que deriva da obrigatoriedade de vitória que se criou para a seleção brasileira ao longo da história.

Na Figura 5, nota-se, basicamente, a menção à futura ocorrência do jogo entre Brasil e Alemanha e alguns aspectos peculiares a David Luiz, escolhido como capitão da seleção para o jogo. Já na figura 6, sobre a derrota de 7x1, o enunciador manifesta uma proximidade com o discurso através da adjetivação da derrota: a pior da história, um esmagamento imposto pelo selecionado alemão, *vexame*, *humilhação* e *massacre*. Destacamos novamente a presença de um enunciador secundário, Antonio Prata, que, com o uso da 1ª pessoa do plural, *passamos*, expõe sua presença no discurso e compartilha com o leitor o momento. Além disso, realiza um julgamento sobre a dicotomia entre futebol-arte e futebol-desempenho, especialmente sobre a atribuição do primeiro à seleção brasileira: “Se para algo servir o *massacre*, que seja para *passarmos a acreditar menos na mágica e mais no trabalho*”. Como visto, posiciona-se ao lado do segundo.

As capas do Correio Braziliense (Figuras 7, 8 e 9 – Quadro 3) exploram de maneira enfática a 1ª pessoa do plural, especialmente, após a derrota de 7x1. Na capa da Figura 7, desenvolve-se uma estratégia semelhante à adotada pelo Diário de Pernambuco em relação ao uso de uma ilustração. Utiliza-se o desenho do mapa do Brasil composto por *Emotions*, \0/, numa referência a pessoas comemorando, coloridos nas cores da bandeira brasileira. A ilustração é acompanhada pela manchete *Somos todos Brasil*, que revela um efeito de união e apoio à equipe.

Na Figura 8, destaca-se o efeito de aproximação através da expressão “ao último degrau que *nos separa* do hexa”. Ao mesmo tempo, joga a responsabilidade de não “*deixar-se abater* pelo complexo de vira-latas” à equipe. Através deste enunciado, revela um medo e uma desconfiança em relação à postura da equipe brasileira. No entanto, revela também um incentivo, ao dizer que o adversário é quem deve temer o Brasil e não o contrário.

Já a Figura 9, capa sobre a derrota de 7x1, possui um enunciador diferente em relação aos principais enunciadores anteriores. Trata-se de um sujeito identificado, João Valadares, que constrói seu discurso, basicamente, na 1ª pessoa do plural. Conta a derrota como se fosse um de seus personagens, convida o leitor para compartilhar o momento e dividir o sofrimento.

Assume o papel de narrar e representar o sentimento e a decepção dos leitores, reforçado pelas fotografias que compõem a capa. Desse modo, utiliza enunciados como: Há que diga que o futebol explica a vida. *Eu sou um deles; ontem morremos; Não morremos para sempre; mas morremos; Perdemos; Roubaram-nos* até a força; *nossa vergonha; nosso país de volta ao jogo. Mesmo nós, todos os que acreditávamos, também não voltamos; nem isso conseguimos enxergar; Quando abrimos os olhos, estava escrito: 7x1; nos levava; O inferno somos nós. Só ontem o visitamos sete vezes; Assistimos incrédulos à maior derrota do esporte brasileiro; Nunca caímos assim.* Conclui-se que se trata de um enunciador que demonstra envolvimento total com o acontecimento.

Nota-se em capas do Diário de Pernambuco (Figura 1) e em capas do Correio Braziliense (Figuras 8 e 9) uma invocação de Nelson Rodrigues e as metáforas utilizadas por ele para falar sobre o futebol nacional: “Pátria de chuteiras”, “chorar de esguicho”, “o pior cego é o que não vê a bola”. Obviamente, a referência desenvolve sentidos para o texto mas, principalmente, o enunciador a utiliza para marcar e enriquecer o seu próprio posicionamento.

Observa-se a presença de vários enunciados que são movidos pela emoção. Nesse caso, como afirma Charaudeau (2012, p.215), o enunciado é construído a partir do “imaginário pessoal do sujeito”, ocorre uma clara intervenção em que “deixa transparecer os sentimentos, os afetos e as opiniões do sujeito”. As três capas de Diário de Pernambuco (Figuras 1, 2 e 3) e as duas últimas de Correio Braziliense (Figuras 8 e 9) são as que mais exploram tal estratégia.

Aponta-se também uma série de materialidades verbais que significam uma indeterminação. O enunciador aglomera certa totalidade, que geralmente o inclui, em um único termo, ou seja, “organiza um contexto significativo discursivo em que as responsabilidades se dissolvem sem modos de apropriação” (PERUZZOLO, 2015, p.170). Alguns exemplos presentes nas capas são: “País dá início...” (Figura 4), “País revive...” (Figura 6), “Descontentes com a competição acreditam que...” (Figura 7), “Ninguém duvida...” e “Até as crianças sabem...” (Figura 8) e “Um país inteiro, tonto, zonzinho...” (Figura 9).

Apesar de não ser objetivo a comparação, é evidente a diferença do tratamento dado por Folha de São Paulo em relação a Diário de Pernambuco e Correio Braziliense. O primeiro, de uma maneira geral, mantém-se afastado do torcedor, apesar de criar um efeito de proximidade com seu discurso. Já os últimos contagiam-se com a competição, com o que ela representa, com seu simbolismo. Enquanto estes procuram aproximar jornal, torcedor e

seleção, Folha de São Paulo abre espaço até para uma crítica ao torcedor brasileiro. Não adota o discurso de “nossa seleção” mas, tece críticas semelhantes aos demais após a derrota de 7x1.

Através das análises, nota-se picos de proximidade com a seleção (Diário de Pernambuco e Correio Braziliense). Os jornais, em grande parte do tempo, “jogam junto” com a seleção, revelando momentos ufanistas, como a abertura da Copa do Mundo e a comoção com a lesão de Neymar. Enquanto isso, o momento de maior afastamento ocorre com a derrota de 7x1. De maneira geral, os jornais “jogam junto” com a seleção nas vitórias mas, se esquivam da aproximação e são enfáticos ao qualificar a derrota. Pensa-se que o Correio Braziliense encaixa-se apenas no segundo apontamento. O fato é que o revés não é tratado como uma derrota da nação brasileira, mas como uma derrota da nação em seu campo esportivo. Em resumo, os enunciadores aproximam-se ou afastam-se das responsabilidades e dos julgamentos de acordo com aquilo que lhes é conveniente.

Finaliza-se a sessão apresentando exemplos de qualificações dadas pelos enunciadores à derrota: vexame, vergonha, humilhação, massacre, a pior da história, o pior dia do futebol brasileiro, a maior do esporte brasileiro. Assumem, evidentemente, a responsabilidade pelo discurso ao mesmo tempo em que buscam afastar-se da seleção.

Considerações finais

Ao voltamos e olhamos para as capas de jornais da Copa do Mundo de Futebol, realizada em 2014 no Brasil, nos deparamos com questões relevantes para o pensamento da interface entre comunicação e futebol. No presente estudo, focamos nas relações entre os enunciadores e seu discurso e entre os enunciadores e a seleção brasileira através da análise dos efeitos de sentido de enunciação: proximidade e afastamento. A partir disso, foi possível verificar, também, mecanismos discursivos utilizados para promover a interação e a proximidade entre o jornal, a equipe brasileira e os torcedores (leitores) nos principais momentos da competição.

Através da análise de nove capas de três jornais brasileiros (Diário de Pernambuco, Folha de São Paulo e Correio Braziliense), identificamos que o uso da 1ª pessoa do plural e a realização de julgamentos e qualificações são os mecanismos discursivos mais utilizados pelos enunciadores. O uso de tais estratégias revelam enunciadores que criam efeitos de proximidade com seu discurso, fato que não significa que promovem uma relação de proximidade com a seleção. Como vimos, Diário de Pernambuco e Correio Braziliense manifestam-se de modo mais frequente em interação com as emoções proporcionadas pela

competição, enquanto Folha de São Paulo procura manter-se afastada, praticamente não utiliza estratégias que se voltam às emoções e aos afetos.

Finaliza-se o estudo concluindo que os enunciadores falam de algo que pertence a si mesmos. O peso das qualificações revelam nada mais que uma demonstração das emoções e do pensamento que a instância jornalística desenvolve sobre a seleção brasileira e sobre a Copa do Mundo. A decepção com a derrota de 7x1 é algo que também lhes pertence, que é próprio à sua existência e atuação ao longo do tempo da mídia esportiva. Decepcionam-se com algo que foram, em parte, responsáveis por criar, apresentando a seleção como favorita ou como aquela que tem a obrigatoriedade da vitória. A decepção vai para as capas em forma de raiva e melancolia.

REFERÊNCIAS

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. 5. ed. Campinas: Pontes, 2005.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral II**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2006.

BRAIT, Beth. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: BRAIT, Beth (Org.) **Bakhtin: dialogismo e construção do sentido**. 2.ed. Campinas: Editora Unicamp, 2005, p. 87-98.

CASAGRANDE, Magno C. **Encenação jornalística da violência no futebol: estudo de estratégias discursivas, efeitos de sentido e valores**. 2014. 236p. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Comunicação). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

HELAL, Ronaldo. Futebol e comunicação: a consolidação do campo acadêmico no Brasil. **Comunicação, mídia e consumo**. São Paulo. vol.8, n.21, p.11-37, 2011.

HELAL, R.; SOARES, A. J. O declínio da Pátria de Chuteiras: futebol e identidade nacional na Copa do Mundo de 2002. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 12. 2003, Recife. **Anais...** Recife: PPGCOM/Universidade Federal de Pernambuco, 2003. p.1-19.

PERUZZOLO, Adair C. **Elementos de semiótica da Comunicação**. 3 ed. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

_____ **Elementos de semiótica da comunicação: quando aprender é fazer**. Bauru: Edusc, 2004.